

# O fantástico angustiante de Clarice Lispector no conto *A* *mensagem*

Taynan Leite da Silva<sup>74</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar o elemento fantástico presente no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector. Nele, o insólito, inserido na vida cotidiana, se faz presente na forma de uma casa velha e enigmática que é metamorfoseada em uma figura viva, lembrando uma esfinge a ser contemplada e decifrada por um casal de adolescentes que se veem frente a frente a esse elemento grotesco e simbólico. Esse encontro nada comum tem um efeito transformador profundo nos personagens. A casa fantástica do conto clariceano funciona como elemento de instabilidade na narrativa, interferindo ativamente no destino dos personagens. Portanto, o conto de Clarice pode ser considerado um exemplo de literatura neofantástica, tanto por fazer parte do século XX, quanto por trazer reflexões sobre a (ir)realidade cotidiana e sobre a psicologia dos personagens através de uma escrita intimista. Além disso, a angústia funciona como um dos temas principais desta obra que também traz reflexões sobre o amor, sobre o masculino e o feminino e sobre as relações humanas. Para o desenvolvimento desta análise, serão utilizadas como suporte teórico as obras de autores como David Roas (2014), Felipe Furtado (1980), Bachelard (2008), Bessière (2009) e Platão (2010).

## **Palavras-chave**

Fantástico. Clarice Lispector. Casa. Angústia.

---

<sup>74</sup> Mestranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará.

## 1 Considerações iniciais

Clarice Lispector (1920-1977) é uma das autoras mais conhecidas da literatura brasileira. Nasceu na Ucrânia e faleceu no Rio de Janeiro. Naturalizada brasileira, Clarice se considerava pernambucana. A escritora e jornalista foi autora de romances, contos, ensaios, crônicas e é conhecida por apresentar uma escrita intimista, lembrando o estilo de escritores como Virginia Woolf, James Joyce e Marcel Proust, com palavras que, por vezes, parecem desvendar a alma de suas personagens.

Estudou direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro, apesar de já mostrar ter mais interesse pela literatura. Foi tradutora e colunista antes de fazer parte do movimento modernista e de se consagrar como escritora. É considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX.

A obra de Clarice está repleta de cenas cotidianas que são invadidas por um psicologismo e apresentam, por diversas vezes, a epifania de personagens, geralmente femininas, ao se depararem com algum elemento do cotidiano, como acontece, por exemplo, no conto “Amor”, publicado em *Laços de família* (1960), em que a personagem Ana tem uma epifania após ver um cego mascando goma, evento que a faz questionar o que viveu até então.

Algumas de suas principais obras são: *Perto do Coração Selvagem* (1943), *A paixão segundo G.H.* (1964), *Um sopro de vida* (1978) e *A hora da estrela* (1977). Clarice morreu um dia antes de completar 57 anos, em decorrência de um câncer de ovário. Deixou dois filhos e uma obra vasta.

O conto “A mensagem” foi publicado primeiramente no livro *A legião estrangeira* (1964) e narra a história de dois jovens, uma moça e um rapaz, que se sentem ligados por um sentimento: a angústia. Por apresentarem esse ponto em comum, eles passam a ser companheiros, já que o garoto decide ignorar a diferença de gênero de ambos, algo que revela a sua visão sobre a superioridade masculina, e leva em frente essa relação um tanto quanto ambígua. Porém, algo acontece, os jovens se veem perante uma casa grotesca e insólita que se posta como um mistério a ser desvendado, o mistério de suas existências. A partir desse encontro eles se tornam adultos: um homem e uma mulher, e passam a seguir seus caminhos separadamente.

O fantástico foi teorizado primeiramente por Tzvetan Todorov (1939-2017) no livro *Introdução à literatura fantástica* (1992), mas, desde então, a narrativa fantástica evoluiu bastante, o que coloca a definição do fantástico como a constante vacilação que existe entre o real e o imaginário em questão. Mais do que isso, a literatura fantástica coloca o ser em questão, discute a irrealidade da realidade e provoca reflexões que vão além da discussão sobre a incursão do sobrenatural no mundo empírico. Segundo David Roas (2014), a literatura fantástica contemporânea apresenta uma visão pós-moderna da realidade, na qual o mundo é uma entidade indecifrável.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar o elemento fantástico no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector, representado pela figura de uma casa velha. Para tal análise, utilizaremos como base teórica Felipe Furtado (1980) e David Roas (2014), pois ambos consideraram restritiva a teoria de Todorov e procuraram ir além. Ademais, pretendemos analisar a angústia em relação aos postulados do filósofo e teólogo dinamarquês Kierkegaard (1968) e o mito dos andróginos de Platão (2010), em que o masculino e o feminino são metades um do outro e, por terem sido separados, estão sempre à procura da sua outra metade.

## **2 A casa: o elemento fantástico**

Em diversos contos, a casa é o *topos* da literatura fantástica. Escritores famosos como Edgar Allan Poe (1809-1849) e H. P. Lovecraft (1890-1937) utilizaram a figura da casa como elemento do fantástico em suas obras. “Os espaços na narrativa têm força e significado; eles estão relacionados aos valores e crenças humanas; e são parte de um amplo mundo humano, incluindo ações e eventos”<sup>75</sup> (KORT, 2004, p. 11, tradução nossa). Algumas vezes, os espaços físicos se relacionam com o espaço mental, ou seja, em obras literárias, os espaços físicos podem estar ligados ao mundo psíquico da personagem. Em 1960, na primeira edição de *Laços de Família*, Lispector já havia utilizado o fantástico e a casa na composição do conto “Mistério em São Cristóvão”. Em “A mensagem”, a escritora aborda o tema da angústia e utiliza a casa para fazer a cisão do masculino e do feminino. De uma maneira insólita, a casa é apresentada aos dois adolescentes:

---

<sup>75</sup> *Places in narrative have force and meaning; they are related to human values and beliefs; and they are part of a larger human world, including actions and events.*

talvez tudo tivesse vindo de eles estarem com a procura no rosto. Ou talvez do fato da casa estar diretamente encostada à calçada e ficar tão “perto”. Eles mal tinham espaço para olhá-la, impresados como estavam na calçada estreita, entre o movimento ameaçador dos ônibus e a imobilidade absolutamente serena da casa. Não, não era por bombardeio: mas era uma casa quebrada, como diria uma criança. Era grande, larga e alta como as casas ensobradadas do Rio antigo. Uma grande casa enraizada. (LISPECTOR, 2016, p. 291-292)

A casa é descrita com características de casa mal-assombrada: quebrada, antiga e grande. Porém, esse elemento aparece em meio ao ambiente urbano. A descrição da casa nos remete aos espaços da literatura gótica, em que se priorizavam locais fechados, sombrios e misteriosos. Além disso, o espaço em que a casa se encontrava também é descrito como algo misterioso e sombrio: uma rua da qual os dois não sabiam o nome, empoeirada e que termina no cemitério São João Batista. Por ser descrita como antiga, a casa é um elemento que remete ao passado. O encontro com a casa revela para a moça e para o rapaz um terceiro elemento angustiado.

A casa era alta, e perto, eles não podiam olhá-la sem ter que levantar infantilmente a cabeça, o que os tornou de súbito muito pequenos e transformou a casa em mansão. Era como se jamais alguma coisa estivesse estado tão perto deles. A casa devia ter tido uma cor. E qualquer que fosse a cor primitiva das janelas, estas eram agora apenas velhas e sólidas. Apequenados, eles abriram os olhos espantados: a casa era *angustiada*. (LISPECTOR, 2016, p. 292, grifo do autor)

Na descrição acima, temos mais características sombrias e misteriosas atribuídas à casa. O fato da casa ser angustiada causa espanto. Tal descrição se aproxima bastante da que Edgar Allan Poe faz em seu conto intitulado “A queda da casa de Usher” (2002). Logo no início do conto, o narrador se depara com a casa e faz a seguinte descrição:

durante todo um dia pesado, escuro e mudo de outono, em que nuvens baixas amontoavam-se opressivamente no céu, eu percorri a cavalo um trecho de campo singularmente triste, e finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se avizinhavam, à vista da melancólica Casa de Usher. Não sei como foi – mas, ao primeiro olhar que lancei ao edifício, uma sensação de insuportável angústia invadiu o meu espírito. Digo insuportável, pois tal sensação não foi aliviada por nada desse sentimento quase agradável na sua poesia, com o qual a mente ordinariamente acolhe mesmo as imagens mais cruéis por sua desolação e seu horror.<sup>76</sup> (POE, 2002, p. 171, tradução nossa)

---

<sup>76</sup> *During the whole of a dull, dark, and soundless day in the autumn of the year, when the clouds hung oppressively low in the heavens, I had been passing alone, on horseback, through a singularly dreary tract of country, and at length found myself, as the shades of the evening drew on, within view of the melancholy House of Usher. I know not how it was—but, with the first glimpse of the building, a sense of insufferable gloom pervaded my spirit. I say insufferable; for the feeling was unrelieved by any of that*

No conto de Poe, assim como no de Clarice, temos um narrador que, ao presenciar a casa, atribui a ela o adjetivo “melancólica” e se depara com a angústia que invade o seu ser. No caso do conto “A mensagem”, tanto os personagens quanto a casa eram angustiados. A casa, em ambas as narrativas, é o elemento inserido no mundo empírico que provoca uma instabilidade nos personagens.

A casa era angústia e calma. Como palavra nenhuma o fora. Era uma construção que pesava no peito dos dois meninos. Um sobrado como quem leva a mão à garganta. Quem? quem a construía, levantando aquela feiúra pedra por pedra, aquela catedral do medo solidificado?! Ou fora o tempo que se colara em paredes simples e lhes dera aquele ar de estrangulamento, aquele silêncio de enforcado tranquilo? A casa era forte como um *boxeur* sem pescoço. E ter a cabeça diretamente ligada aos ombros era a angústia. Eles olharam a casa como crianças diante de uma escadaria. (LISPECTOR, 2016, p. 292-293)

No trecho acima, temos mais descrições da casa através de características grotescas e decadentes, além de elementos que a comparam a um ser humano. Aqui, o elemento fantástico presente na casa faz com que esta seja diferente de qualquer coisa, atraindo a atenção e causando medo nos personagens, por verem-se diante de algo incompreensível. E, sendo assim, a casa é este elemento impreciso inserido na realidade dos jovens.

A estabilidade do real é transtornada no momento em que a casa se transforma em um elemento animado e fala diretamente com os adolescentes. Tal acontecimento é a transgressão necessária para transformar um elemento comum em algo característico da literatura fantástica. Vejamos o trecho abaixo:

Enfim ambos haviam inesperadamente alcançado a meta e estavam diante da esfinge. Boquiabertos, na extrema união do medo e do respeito e da palidez, diante daquela verdade. A nua angústia dera um pulo e colocara-se diante deles – nem ao menos familiar como a palavra que eles tinham se habituado a usar. Apenas uma casa grossa, tosca, sem pescoço, só aquela potência antiga.  
Eu sou enfim a própria coisa que vocês procuravam, disse a casa grande.  
E o mais engraçado é que não tenho segredo nenhum, disse também a grande casa. (LISPECTOR, 2016, p. 293)

Enfim, os adolescentes recebem a mensagem da casa, o enigma da esfinge. A comparação da casa com a esfinge é algo bem pertinente, visto que ambas são elementos híbridos. Assim como a esfinge grega do mito de Édipo, a casa simboliza a

---

*half-pleasurable, because poetic, sentiment with which the mind usually receives even the sternest natural images of the desolate or terrible.*

tradição, o passado. De acordo com a mitologia grega, a esfinge foi uma criatura enviada para punir o povo de Tebas, que chateava os deuses. O monstro devorava todos os que não soubessem responder ao seu enigma: qual é o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio dia e três à tarde? Ninguém, até então, havia conseguido responder, até que Édipo percebeu a resposta para o enigma: o homem, pois na infância engatinha com pés e mãos, na vida adulta anda sobre dois pés e na velhice precisa das duas pernas e de uma bengala. Quando a esfinge ouviu a resposta, atirou-se do alto de um penhasco. Nesse caso, Édipo simboliza a superação das velhas tradições. Porém, decifrar o enigma da esfinge era somente parte dos planos do destino trágico que aguardava Édipo.

Dessa forma, a casa é reveladora. Gaston Bachelard (1884-1962) se interessou pelo espaço enquanto objeto poético. Em *A poética do espaço* (2008), o autor considera que a casa é um espaço feliz. Porém, nem sempre esse espaço evoca imagens de felicidade ou de proteção. Mais do que isso, a casa abriga o devaneio. Nas narrativas clariceanas, geralmente a casa é um espaço de repressão, de confinamento de um ser geralmente feminino em nome da família e do que a sociedade exige. Ainda segundo Bachelard, “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (2008, p. 26). No conto “A mensagem”, a casa é a portadora de uma verdade, de uma revelação para os jovens.

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. (BACHELARD, 2008, p. 27)

Então, para o filósofo francês, a casa é um elemento de proteção que tem um significado além do de construção destinada à habitação. A casa é o primeiro espaço da vida do homem e, por isso, as memórias também estão muito ligadas a ela, e o fato da casa ser angustiada também é um ponto de ligação com os jovens. A casa está fortemente relacionada ao passado. Para Bachelard (2008), não podemos reviver um passado, mas é pelo espaço que encontramos os fósseis de uma duração concretizada em longos estágios. Ou seja, o espaço permite um contato com o que é passado e, no conto em questão, a casa representa esse espaço pretérito. Em “A mensagem”, ela também é

um elemento que tem a sua importância. Ao se postar diante dos jovens, a casa causa neles o sentimento de retorno à infância provocado pelo tamanho dela com relação a eles e pelo seu estado de conservação, o que a faz aparentar ser velha.

Mas, se antes eles tinham sido forçados a olhá-lo, agora, mesmo que lhes avisassem que o caminho estava livre para fugirem, ali ficariam, presos pelo fascínio e pelo horror. Fixando aquela coisa erguida tão antes deles nascerem, aquela coisa secular e já esvaziada de sentido, aquela coisa vinda do passado. Mas e o futuro?! Oh Deus, dai-nos o nosso futuro! A casa sem olhos, com a potência de um cego. E se tinha olhos, eram redondos olhos vazios de estátua. Oh Deus, não nos deixeis ser filhos desse passado vazio, entregai-nos ao futuro. (LISPECTOR, 2016, p. 293)

Assim, pela sua importância, a casa lança a sua mensagem, um “conselho de continuidade” do passado, uma verdade que frustra e muda a vida dos jovens, que a partir desse encontro tornam-se adultos. Eles, que ansiavam por um futuro diferente, chegaram à conclusão de que não podem mudar o futuro. A tragédia de Édipo mostra que “a condição humana estabelece uma ordem do tempo, porque a sucessão das idades, na vida de cada indivíduo, deve se articular na sequência das gerações, respeitá-las para harmonizar-se com ela, sob pena de retorno ao caos” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2014, p. 186). Então, podemos constatar que a mensagem da casa traz uma “lei” que deve ser respeitada pelos adolescentes. Todavia, diferentemente do que aconteceu com Édipo, a tradição e as convenções sociais venceram. Mesmo sabendo que uma palavra deles faria a casa desabar, os dois silenciaram-se, ficando presos ao passado incompreensível e ao dever ser. Com relação a isso, Bessière (1974, p. 06) diz sobre o fantástico que “abrindo largo espaço ao insolúvel e ao insólito, ele apresenta uma personagem amíúde passiva, pois examina a maneira pela qual as coisas acontecem no universo e disso retira as conseqüências para uma definição do estatuto do sujeito”. Portanto, essa passividade tem sentido dentro do relato fantástico, funciona como uma experiência para o sujeito, uma experiência da qual ele tira suas conclusões. Sendo assim, os jovens do conto descobrem que as coisas não são como eles pensavam.

A meu ver, o que caracteriza o fantástico contemporâneo é a irrupção do anormal em um mundo aparentemente normal, mas não para demonstrar a evidência do sobrenatural, e sim para postular a possível anormalidade da realidade, o que também impressiona o leitor terrivelmente: descobrimos que nosso mundo não funciona tão bem quanto pensávamos, exatamente como propunha o conto fantástico tradicional, mas expresso de outro modo [...]. (ROAS, 2014, p.42)

Destarte, o conto de Clarice Lispector se encaixa no subgênero neofantástico, uma evolução da literatura fantástica, pois apresenta uma escrita intimista que discute a realidade desses dois personagens, unidos pela angústia, um elo frágil, que viria a se romper após o encontro com a casa angustiada. O encontro sela o destino infeliz que os espera e do qual eles não conseguirão escapar. Assim, como diz Felipe Furtado,

[...] mesmo recorrendo ao emprego exaustivo de processos destinados a reforçar as noções do mundo empírico e a propiciar a construção de cenários conformes ao cotidiano, o espaço fantástico nunca abandona inteiramente o seu caráter dúbio por mais realista que se pretenda. (1980, p. 127)

Dessa forma, a casa é o elemento que causa essa ambiguidade entre o real e o irreal e sobre a relação dos jovens, se seria verdadeira ou uma mentira e se poderia continuar.

Mais do que provocar medo, a presença da casa na obra funciona como uma metáfora, simboliza a convenção social, a tradição e, com ela, a ruptura entre o masculino e o feminino como o necessário e o “correto” a acontecer, nessa relação ambígua de amizade/amor. Enquanto eram híbridos, os papéis de gênero assumidos por eles se confundiam, algumas vezes ele assumia uma postura feminina e ela masculina. Os personagens queriam se diferenciar dos “outros”, mas se depararam com a verdade de que isso não era possível. O mundo masculino não se confunde com o mundo feminino. Além disso, a verdade é que o elo entre os dois não mais existe, pois a angústia é o que eles verdadeiramente procuram. O fantástico provoca a ruptura, colocando em conflito os contornos precários da realidade estabelecida cultural e ideologicamente (ROAS, 2014). Portanto, o encontro com a casa revela a impotência diante do destino e das convenções. O rapaz agora era um homem e, como tal, passa a assumir o seu papel social, assim como a mulher, e ambos seguem caminhos diferentes.

### **3 A angústia**

A angústia, sentimento tão presente na escrita de Clarice Lispector, tem sido objeto de discussão de vários filósofos. Kierkegaard (1813-1855) foi um dos que se debruçaram sobre esse assunto. Para ele a angústia está relacionada ao nada: “porém existe, ao mesmo tempo, outra coisa que, entretanto, não é perturbação nem luta, porque não existe nada com que lutar. O que existe então? Nada. Que efeito produz, porém,

este nada? Este nada dá nascimento à angústia” (1968, p. 45). Esse nada se configura como uma ausência, uma falta, e por isso causa a angústia.

A tomada de consciência do nada faz surgir a angústia. No conto “A mensagem”, o sentimento em comum entre o rapaz, a moça e, posteriormente a casa, é a angústia. Ambos procuravam algo, mas essa relação entre eles, essa união, não era permitida, pois o que eles procuravam não existe, como podemos ver no trecho abaixo:

e eram tão culpados como crianças culpadas, tão culpados como são inocentes os criminosos. Ah, se ainda pudessem apaziguar o mundo por eles exacerbado, assegurando-lhe: “estávamos apenas brincando! somos dois impostores!” Mas era tarde. “Rende-te sem condição e faze de ti uma parte de mim que sou o passado” – dizia-lhes a vida futura. E, por Deus, em nome de que poderia alguém exigir que tivessem esperança de que o futuro seria deles? quem?! mas quem se interessava em esclarecer-lhes o mistério, e sem mentir? havia por acaso alguém trabalhando nesse sentido? Dessa vez, emudecidos como estavam, nem lhes ocorreria acusar a sociedade. (LISPECTOR, 2016, p. 295)

Na angústia, o ser coloca a sua existência em questão, reflete sobre o seu passado, sobre o seu futuro e os questiona. A angústia é, também, a comprovação de que a liberdade e a transgressão estão no âmago da existência humana. Mas esse anseio pela liberdade, que muitas vezes é interditada ao ser, provoca também uma culpa, parece um paradoxo da nossa existência. A angústia também funda o interdito (BATAILLE, 2013), é necessário dosar bem o interdito e a transgressão. No caso dos jovens de “A mensagem”, o que estava sendo vivido era um tipo de transgressão. O encontro com uma casa velha e insólita, que se posta como uma esfinge para o rapaz e a moça, quando eles já estavam preparados para isso, provoca a constatação de uma verdade e a separação deles. A culpa é o sentimento que surge após a tomada de consciência da transgressão de um impedimento. A sociedade, assim como os deuses da mitologia grega, pune aqueles que a desafiam. A tensão entre o eu e o outro está na procura de algo a mais, de um futuro, da liberdade. A angústia também se apresenta para Kierkegaard como um anseio pela liberdade proibida.

A proibição deixa inquieto Adão, porque nele desperta a possibilidade da liberdade. O que se ofertava à inocência como um nada da angústia adentrou-o e conserva ainda aqui um nada: a aflitiva possibilidade de poder. Com respeito ao que pode, não tem nenhuma idéia. [...] Existe em Adão somente a possibilidade de poder, como uma forma superior de ignorância, como expressão elevada da angústia, visto que, a este nível mais alto, a angústia existe e não existe, Adão tem amor e foge dela. (KIERKEGAARD, 1968, p. 48)

A proibição inquieta o ser. Essa possibilidade interdita de ser livre pode ser constatada já no livro de *Gênesis* com Adão e Eva. A transgressão original, então, foi a desobediência desses dois indivíduos ao comerem do fruto proibido. Assim como eles, os jovens de “A mensagem” vivem angustiados pela possibilidade de uma transgressão, de uma possível liberdade das amarras que prendem todos “os outros”, pela incerteza do futuro, mas sucumbem diante dessa empreitada e são, de certa forma, punidos.

Qual a forma desta consciência? Na liberdade, o ser humano é seu próprio passado (bem como seu próprio devir) sob a forma de nadificação. Se nossa análise está no rumo certo, deve haver para o ser humano, na medida que é consciente de ser, determinada maneira de situar-se frente a seu passado e seu futuro como sendo esse passado e esse futuro e, ao mesmo tempo, como não os sendo. Podemos dar uma resposta imediata: é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão. Kierkegaard, descrevendo a angústia antes da culpa, caracteriza-a como angústia frente à liberdade. Mas Heidegger, que, como se sabe, sofreu profundamente a influência de Kierkegaard, considera a angústia, ao contrário, como captação do nada. (SARTRE, 2002, p. 73)

Como filósofo existencialista, Jean-Paul Sartre (1905-1980) também se interessou pela angústia. Nas palavras de Sartre (2002), a consciência sobre a liberdade causa uma angústia. Na angústia, o ser coloca a sua existência em questão, reflete sobre o seu passado e sobre o seu futuro e os questiona. Essa procura, na verdade, faz o ser questionar a própria liberdade e ter consciência sobre o nada. A angústia é, também, a comprovação de que a liberdade está no âmago da existência humana. Mas esse anseio pela liberdade, que muitas vezes é interdita ao ser, provoca também uma culpa.

Verdes e nauseados, eles não saberiam exprimir. A casa simbolizava alguma coisa que eles jamais poderiam alcançar, mesmo com toda uma vida de procura de expressão. Procurar a expressão, por uma vida inteira que fosse, seria em si um divertimento, amargo e perplexo, mas divertimento, e seria uma divergência que pouco a pouco os afastaria da perigosa verdade – e os salvaria. Logo eles que, na desesperada esperteza de sobreviver, já tinham inventado para eles mesmos um futuro: ambos iam ser escritores, e com uma determinação tão obstinada como se exprimir a alma a suprimisse enfim. E se não suprimisse, seria um modo de só saber que se mente na solidão do próprio coração. (LISPECTOR, 2016, p. 294)

No trecho acima, podemos perceber esse anseio por liberdade de que fala Sartre nos jovens, por decidirem o próprio futuro. Porém, essa ilusão do controle sobre seu futuro e sobre sua liberdade foi quebrada, a casa se postou para eles como um choque de realidade, uma impossibilidade. Dessa forma, o rapaz e a moça se tornaram adultos após essa dura constatação, a constatação de que não poderiam mais continuar

mantendo essa relação e não poderiam mais ficar juntos. A dura constatação de que nada restara entre os dois. A separação era necessária. Depois disso, deixaram de ser híbridos e seguiram solitários seus caminhos. Como anteriormente visto nas palavras de Sartre (2002), a angústia, agora, se tornara a constatação do nada.

Lacan (1901-1981) também deu atenção à angustia e investigou como esta se manifesta no homem e na mulher. Para o psicanalista francês,

a angústia do homem liga-se à possibilidade do não poder. Daí o mito, bastante masculino, que faz da mulher o equivalente de uma de suas costelas. Essa costela lhe foi retirada, não se sabe qual, e, por outro lado, não lhe falta nenhuma. Mas está claro que, no mito da costela, trata-se justamente desse objeto perdido. A mulher, para o homem, é um objeto feito disso. (LACAN, 2005, p. 209)

Ou seja, a angústia masculina está relacionada à impotência (no sentido de não poder algo), de ser colocado em posição de objeto do desejo do outro. Dessa forma, a história bíblica de Adão e Eva serve para ilustrar que a mulher, tendo sido feita a partir da costela de Adão, simboliza algo que falta no homem, que foi retirado dele, mesmo que essa remoção não tenha causado danos físicos a ele. A mulher é o “objeto perdido”. Quanto à mulher, Lacan (2005, p. 209) conclui que “a angústia também existe na mulher” assim como no homem. Contudo, a mulher “tenta a si mesma tentando o Outro” e, sendo assim, “é o desejo do Outro que lhe interessa”. Dessa forma, o psicanalista também utiliza o mito de Adão e Eva para ilustrar que a mulher usa qualquer objeto, mesmo um que não a interesse de fato, como a maçã, para conseguir o desejo do outro. Logo, a mulher teria mais possibilidades para alcançar o desejo.

#### **4 O mito dos andróginos**

Em *O banquete* (2010), temos alguns discursos em tom de elogio de Eros, um deus de várias faces. Dentre os discursos proferidos ao deus da mitologia grega, está o de Aristófanes. Este defende que no início dos tempos os homens eram esféricos e existiam em três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino, que possuía os dois sexos. Por conta de sua força, se tornaram uma ameaça aos deuses e, por isso, foram castigados por Zeus com a divisão em duas partes:

Proponho que cortemos cada um deles em dois, de modo que ao mesmo tempo que o enfraqueçemos, os tornamos mais úteis em função de sua multiplicação; andarão eretos

sobre duas pernas. Se mesmo assim continuarem revoltosos e não se aquietarem, repetirei a ação [...]. Cortarei cada indivíduo em dois, e nesse caso terão que se mover sobre uma perna, aos saltos. (PLATÃO, 2010, p. 59)

Com a separação, cada metade passou a sentir falta da outra, ansiando por serem unidos novamente e, por não conseguirem se unir e se sentirem solitários, começaram a morrer. Então, o deus Apolo foi o responsável por costurar na frente do corpo o sexo de cada metade. Assim, as metades estariam fadadas a encontrar o seu ser no outro e realizar a fusão através do amor sexual, transformando dois em um e curando a ferida da natureza humana. De acordo com Camille Dumoulié, “o desejo não teria como alvo um objeto ou outro, mas buscaria a si mesmo no outro. Seria portanto de natureza narcísica, inclusive na heterossexualidade” (2005, p.24). Destarte, o desejo do outro se configura como um efeito de espelho. Ou seja, o sujeito vê no outro o buraco que tem em si, a falta que carrega em seu ser. Ou, segundo Lacan (2005, p.31), “o desejo do homem é o desejo do Outro” e a angústia é a manifestação desse desejo.

Ela mesma também passou a ostentar com modéstia aureolada a própria angústia, como um novo sexo. Híbridos – ainda sem terem escolhido um modo pessoal de andar, e sem terem ainda uma caligrafia definitiva, cada dia a copiam os pontos de aula com letra diferente – híbridos eles se procuravam, mal disfarçando a gravidade. Uma vez ou outra, ele ainda sentia aquela incrível aceitação da coincidência: ele, tão original, ter encontrado alguém que falava a sua língua! Aos poucos compactuaram. Bastava ela dizer, como numa senha, “passei ontem uma tarde ruim”, e ele sabia com austeridade que ela sofria como ele sofria. Havia tristeza, orgulho e audácia entre ambos. (LISPECTOR, 2016, p. 285)

No conto, a angústia está relacionada à incompletude do ser. A angústia é como o amor, essa necessidade de se unir a um outro ser, essa ansiedade que une seres dissemelhantes. De acordo com Byung-Chul Han, “o eros arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o outro” (2017, p. 10). Para o autor, a agonia do eros é justamente o “desaparecimento do outro”, ou seja, a ausência da diferença e da negatividade. O “inferno do igual” seria, dessa forma, essa busca narcísica, pautada na ausência de reconhecimento da alteridade, no consumismo preconizado pelo capitalismo e no nivelamento da sociedade. Assim, o que se procura no outro é o reflexo de si mesmo. A busca do ser é a busca do outro e essa falta é o que nos move. A plenitude do ser, no conto, passa a ser ameaçada com a ausência da angústia, ou seja, com a ausência de algo em comum entre os jovens, e a cisão completa acontece após o aparecimento da casa, que coloca em evidência a diferença e a iminente separação. A angústia é saciada

temporariamente, comprovando que a insatisfação é algo que sempre acompanhará o ser humano.

Até que também a palavra angústia foi secando, mostrando como a linguagem falada mentia. (Eles queriam um dia escrever.) A palavra angústia passou a tomar aquele tom que os outros usavam, e passou a ser um motivo de leve hostilidade entre ambos. Quando ele sofria, achava uma gafe ela falar em angústia. “Eu já superei esta palavra”, ele sempre superava tudo antes dela, só depois é que a moça o alcançava. (LISPECTOR, 2016, p.285)

A angústia é, na narrativa de Clarice, como o amor no mito dos andróginos. Em *O banquete* (2010) de Platão, Aristófanes chega à conclusão de que o amor é o anseio pela integridade original. Esse anseio também é compartilhado pelos personagens do conto que, apesar de constatarem que a ligação entre eles estava perdendo o sentido, permaneciam procurando um ao outro porque ainda restava algo em comum entre eles.

Assim continuaram a se procurar, vagamente orgulhosos de serem diferentes dos *outros*, tão diferentes a ponto de nem se amarem. Aqueles *outros* que nada faziam senão viver. Vagamente conscientes de que havia algo de falso em suas relações. Como se fossem homossexuais de sexo oposto, e impossibilitados de unir, em uma só, a desgraça de cada um. Eles apenas concordavam no único ponto que os unia: o erro que havia no mundo e a tácita certeza de que se eles não o salvassem seriam traidores. (LISPECTOR, 2016, p. 286)

Com a separação dos jovens após se tornarem adultos, temos a constatação de que os seres humanos, mesmo tendo afinidades, serão sempre diferentes e apartados, e, na verdade, compartilham a sua solidão. Além disso, a angústia era um elo efêmero e, sendo assim, não poderia durar. Essa relação entre o eu e o outro é bastante complexa. Na narrativa em questão, podemos observar que “entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade” (BATAILLE, 2013, p. 36). Esse abismo vai ficando cada vez mais evidente com a evolução da relação dos jovens e será constatado com a separação. Essa é uma das verdades que eles tinham consciência, mas não queriam admitir. Segundo Han (2017, p. 08), “o eros aplica-se em sentido enfático ao outro que não pode ser abarcado pelo regime do eu”. Ou seja, a tensão entre o eu e o outro e a descoberta da diferença tem efeitos transformadores nos dois. Encontrar alguém não é o suficiente por muito tempo, é um efeito momentâneo e não uma junção perpétua. Se há algo que também compartilhamos, além da incerteza sobre o futuro, é a insatisfação.

## 5 Considerações finais

Após a leitura e análise do conto “A mensagem”, de Clarice Lispector, podemos perceber que a obra permite diversas interpretações, dada a sua riqueza. Os elementos utilizados no conto são de uma fortuna conotativa impressionante. Sendo uma das primeiras obras da autora, o conto mostra a profundidade e a maestria de Clarice como arquiteta de uma narrativa curta tão densa e tão cheia de significados.

Com relação ao elemento fantástico, podemos perceber que o conto se encaixa na literatura neofantástica. Casas geralmente estão presentes nas narrativas clariceanas, estando diretamente relacionadas ao elemento feminino, à vida cotidiana e, comumente, ao aprisionamento da natureza feminina. No conto em questão, a casa é o elemento que causa a instabilidade na realidade e a questiona como um constructo tão ficcional quanto a própria ficção, ou seja, a realidade passa a ser também um simulacro. Além disso, a casa se posta, simbolicamente, como um elemento do passado que veio para questionar e punir os jovens por sua “transgressão”, visando a manutenção das tradições. Ir contra a tradição, ir contra o que a sociedade dita como correto. Eles não queriam ser iguais aos outros e esse era o erro.

Além disso, a angústia funciona como um dos temas mais importantes da narrativa. É o que une os dois jovens, mas apenas temporariamente. O fato de os dois perceberem uma ligação através da angústia, revela a crença dos dois de que são a metade um do outro. Assim, como no mito dos andróginos, de Platão, o rapaz e a moça veem um no outro a sua metade e assim tornam-se híbridos, numa alusão ao retorno à forma original, o ser esférico e uno. Porém, era a angústia que eles procuravam e com a união, essa angústia foi “secando” e a união dos jovens foi perdendo a força até finalmente culminar com a separação. Portanto, os dois terminam seguindo o que é estabelecido socialmente para o feminino e o masculino.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danési. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BESSIÈRE, Irène. **O relato fantástico**: forma mista do caso e da adivinha. Trad. Biagio D'Angelo. Disponível em:

<[http://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/numeros\\_antteriores/n3/download/pdf/traducao2.pdf](http://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/numeros_antteriores/n3/download/pdf/traducao2.pdf)>. Acesso em: 01 de julho de 2017.

DUMOULIÉ, Camille. **O desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FURTADO, Felipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

HAN, Byungu-Chul. **Agonia do eros**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. Lisboa: Hemus, 1968.

KORT, Wesley A. **Place and Space in Modern Fiction**. Florida: University Press of Florida, 2004.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 10: a angústia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LISPECTOR, Clarice. A mensagem. In: MOSER, Benjamin (Org.). **Clarice Lispector**: todos os contos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 284-299.

\_\_\_\_\_. Amor. In: MOSER, Benjamin (Org.). **Clarice Lispector**: todos os contos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 145-155.

PLATÃO. **O banquete**. Diálogos. Bauru/SP: Edipro, 2010, p. 33-107

POE, Edgar Allan. The fall of the house of Usher. In: **Edgar Allan Poe**: Complete Tales & Poems. New York: Castle Books, 2002, p.171-183.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

## CLARICE LISPECTOR'S ANGUISHING FANTASTIC IN THE SHORT STORY THE MESSAGE

### **Abstract**

This work aims to analyze the fantastic element present in the short story “The message”, by Clarice Lispector. In it, the unusual, inserted in everyday life, is present in the form of an old and enigmatic house that is metamorphosed into a living figure, resembling a sphinx to be contemplated and deciphered by a couple of teenagers who are face to face with this grotesque and symbolic element. This unusual encounter has a profound transforming effect on the characters. The fantastic house of the Claricean short story works as an element of instability in the narrative, actively interfering in the fate of the characters. Therefore, Clarice's short story can be considered an example of neo-fantastic literature, both for being part of the 20th century, and for bringing reflections on the everyday (un)reality and on the psychology of the characters through an intimate writing. In addition, anguish functions as one of the main themes of this work, which also brings reflections on love, on the masculine and feminine and on human relations. For the development of this analysis, the works of authors such as David Roas (2014), Felipe Furtado (1980), Bachelard (2008), Bessière (2009) and Plato (2010) will be used as theoretical support.

### **Keywords**

Fantastic. Clarice Lispector. House. Anguish.

---

Recebido em: 05/02/2020

Aprovado em: 23/05/2020